

Patativa do Assaré: Relações entre Estética, Hermenêutica, Religião e Arte

Cristiane Moreira Cobra [cristiane_cobra@yahoo.com.br]*

Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica e teórica sobre a poesia de Patativa do Assaré; constata que o discurso poético constituído em sua obra aponta para elaboração de uma forma de contestação e resistência diante das desigualdades vivenciadas pelo seu grupo, que toma por referência a religiosidade cristã popular. Como elementos dessa poética resistente ressaltamos a memória, a oralidade, a ressignificação de conceitos instituídos pela ortodoxia da Igreja, bem como a abordagem de temas pertinentes aos membros desse grupo. A interpretação analítica dos poemas tem como referências a teoria literária de Alfredo Bosi. Patativa recorre ao imaginário religioso cristão católico como fonte de sentido e significado, revelando formas típicas à Cultura Popular de compreensão da religiosidade.

Palavras-chave: Patativa do Assaré; Ressignificação; Hermenêutica; Resistência.

Abstract

This article is the result of a bibliographic and theoretical research about Patativa do Assaré's poetry. It ascertains that the poetical discourse present in his work indicates the elaboration of contention and resistance concerning the inequality lived by his group, which uses the popular Christian religiosity as reference. The memory, orality, re-signification of concepts instituted by the Church's orthodoxy as well as the approach of pertinent themes to the members of this group are emphasized as elements of his resistant poetry. The analytical interpretation of the poems is based on the literary theory of Alfredo Bosi. Patativa makes use of the Christian Catholic religious imaginary as source of sense and meaning. He reveals to the popular culture typical forms of understanding the religiosity.

Key words: Patativa do Assaré; Re-signification; Hermeneutics; Resistance.

* Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP.

1. Introdução

A Literatura Popular, rica em seu macrocosmos variado de autores, temas e obras, revela-se também riquíssima no microcosmo de cada um de seus autores, sendo hoje amplamente reconhecida e divulgada na pessoa do poeta Antônio Gonçalves da Silva, o **Patativa do Assaré**, personagem chave do panteão nordestino¹; homem do sertão, agricultor pobre que passou por poucos meses de contato com o aprendizado escolar e que é considerado aqui sob o signo de poeta e artesão da linguagem², autor de uma obra consistente e reconhecida, emblemática da Literatura Popular nordestina³ e nacional. Sua poética marcada pela oralidade constitui-se como voz que posteriormente fez-se letra⁴; foi, originalmente um artesão da palavra falada, narrador performático de improvisos versificados numa linguagem matuta.

Neste estudo, situamos resumidamente o contexto do poeta e de sua Literatura Popular, como se constitui seu discurso poético, sua estética e sua hermenêutica populares, além dos elementos de resistência e contestação presentes na poética de Patativa, como ele descreve e dialoga com a religiosidade popular e como reelabora o conceito de Divina Providência. Patativa recorre ao imaginário religioso cristão católico como fonte de sentido e significado; entretanto revela-se sua elaboração popular de tais elementos como presença marcante da religiosidade do povo nordestino e brasileiro. Conforme o aporte teórico de Alfredo Bosi, é preciso debruçar-se sobre a obra do poeta, iluminando-a sob a luz da história da consciência humana, que não é estática e nem mesmo homogênea.⁵ Considerar o contexto do poeta, sua relação com a História Geral, bem como a história particular imanente e operante em cada um de seus poemas; repensando o conceito de historicidade dessa obra poética, derrubando cronologismos apertados e relacionando poesia e sociedade.

1 ASSARÉ, Patativa do. *Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste*, 2000.

2 Signo atribuído ao cantor e intelectual Chico Buarque por MENEZES, Adélia Bezerra de. *Desenho Mágico – Poesia e política em Chico Buarque*, p.17.

3 Interessante distinção entre cordel e literatura popular nordestina é elaborada na obra de ABREU, Márcia de. *Histórias de cordéis e folhetos*, 1999.

4 Visando compreensão dos conceitos de *performance*, *letra* e *voz*, leitura introdutória da obra de ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*, 2000.

5 BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*, 2000, p.13.

Segundo Alfredo Bosi, o poema é uma expressão poliédrica, herdada e inventada, pela qual o poeta enfrenta a rotina retórico-ideológica da sociedade usando livremente instrumentos da própria tradição e é preciso reconhecer o sim e o não em todas as coisas.⁶ Nosso objetivo é, a partir da palavra poética, compreender as relações entre produção literária, religiosidade, imaginário e cultura; para então: aprofundar o conhecimento a respeito da obra poética de Patativa do Assaré, compreender as formas populares de reelaboração e ressignificação do imaginário católico e discutir a hipótese de que a poesia de Patativa e seus elementos da Cultura e Religiosidade Popular caracterizem fator de resistência.

Se todo discurso revela uma forma de ver o mundo e de interpretá-lo, pois através da palavra atribuímos sentido e significado a esse mundo, no caso do discurso poético de Patativa o sentido é dado pela relação com a natureza e com a religiosidade popular, que é o ponto focal de nosso interesse. Sob a ótica das Ciências da Religião, aprofundar a análise dessa obra, possibilita ampliar o conhecimento sobre a Literatura Popular no Brasil, enquanto manifestação artística, e suas relações com a religiosidade e a cultura.

Segundo Foucault, a Linguagem constitui teias de significado que operam em todos os âmbitos da vida.⁷ Roland Barthes afirma que a fala se constitui como uma forma de organização pessoal e implica sempre em exercício de poder.⁸ Sendo a Literatura Popular, uma Linguagem própria que evoca significados e também caracteristicamente oral (fala), deve considerar-se que, portanto implica exercícios de poder. O principal autor tomado como referência teórica é Alfredo Bosi, principalmente por sua consideração (conceituação) da poesia como uma forma de resistência; ele afirma que o poeta é caracterizado como o *doador de sentido*, mas que no mundo moderno ocorre uma cisão, restando à poesia o papel de aguçar a consciência dessa contradição do sentido, pois não se integra mais aos discursos correntes na sociedade. De acordo com Bosi, *o poema pode ter o papel de acender no homem*, ou de revelar, o inconsciente desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela e, sendo assim, a poesia traduz em sons e símbolos essa realidade pela qual ou contra qual vale a pena lutar.

6 *Idem*, p.15.

7 FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, 1999.

8 BARTHES, Roland. *O prazer do texto*, 2002.

2. Contexto de uma poética: Literatura de Folhetos Nordestina

Segundo Márcia de Abreu, a Literatura de folhetos Nordestina pode ser considerada uma das expressões populares mais brasileiras que existem, marcadamente comuns na região Nordeste e naquelas regiões que abrigam os migrantes de origem nordestina. Com as grandes navegações aportaram no Brasil trovadores e artistas populares, que trouxeram em sua bagagem cultural o que alguns consideravam ser as origens dessa literatura, porém no Brasil a Literatura Popular desenvolveu temáticas próprias e hoje ultrapassa um século de história.⁹ Trata-se de uma Literatura dinâmica e flexível, que atinge os mais diversos temas, com objetivos múltiplos e vasta divulgação e aceitação social, tanto em meios populares, como nas elites acadêmicas. O folheto é um veículo popular de participação na vida do país, que permite ao povo debater a realidade, expressar suas necessidades e aspirações.¹⁰ Apesar de serem impressos, no entanto, os folhetos caracterizam-se por sua tradição oral, suas marcas de oralidade e o fato de serem feitos para serem declamados, lidos ou *cantados em voz alta* para um grande número de pessoas, mesmo as analfabetas; características comuns às culturas que valorizam a oralidade, segundo Paul Zumthor.¹¹

No Brasil, infelizmente, a Literatura Popular em verso foi, por muitos anos, mal compreendida e interpretada, excluída dos estudos oficiais de literatura, permanecendo em desconhecimento por longo período. Como principais motivos da demora no reconhecimento e inclusão dessa modalidade literária nos estudos oficiais, Joseph M. Luyten levanta alguns problemas históricos como a introdução tardia da imprensa no país, que foi o último das Américas a dispor desse recurso, e a excessiva imitação de modelos estrangeiros pela intelectualidade.¹² O início dessa manifestação literária no Brasil remonta a fins do século

9 ABREU, Márcia de. *Histórias de cordéis e folhetos*, 1999.

10 Visando ampliação dos conhecimentos a respeito do Cordel e do poeta Patativa, como leitura introdutória, indico as obras:

CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré*. 3ª ed., Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. 2ª ed., São Paulo: EDUSP, 2003.

DIÉGUES JR, Manuel e outros. *Literatura popular em verso: estudos*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986

11 ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trans. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

12 Afirmções encontradas no prefácio de Joseph M. Luyten à obra de ASSARÉ, Patativa do. *Patativa do Assaré uma voz do nordeste*, 2000.

XIX e conta hoje com maciça bibliografia crítica e uma vasta produção de folhetos e autores que constituem um panorama das influências dessa poética popular em nossa cultura.

A questão da especificidade da produção dessa Literatura no Brasil, mais especificamente no Nordeste do país, toma corpo com a nova hipótese explicativa levantada pela pesquisadora Márcia Abreu que propõe um confronto entre o Cordel português e a Literatura de Folhetos Nordestina visando, a partir da apresentação da trajetória histórica e da comparação dos textos, discutir a independência entre essas duas formas literárias.¹³ A autora aponta para o equívoco da hipótese de uma associação ou decorrência entre Literatura de Cordel portuguesa e Literatura de Folhetos do Nordeste brasileiro; questiona ainda o uso do termo Literatura Popular como sinônimo de cordel, já que tanto os autores quanto o público dessa literatura não pertence exclusivamente às camadas populares.¹⁴ Através de um esmiuçado levantamento do trajeto histórico do Cordel português, Márcia conclui pela completa ausência de unidade dessa produção, que inclui textos em verso, em prosa, de gêneros variados, produzidos e consumidos por camadas amplas da população, não somente as populares.¹⁵ Salienta ainda que a possível característica de uniformidade dessa produção não inclui o texto, nem os autores e nem mesmo o público; somente a materialidade do cordel, sua aparência e seu preço.¹⁶

A longevidade de um *corpus* literário é, quase sempre, maior do que a do suporte gráfico por meio do qual é divulgado; isso ocorreu da mesma forma com o romanceiro popular nordestino, que já existia muito antes da imprensa em folhetos.¹⁷ A base de subsistência do romanceiro popular nordestino, anteriormente ao registro escrito no século XIX, constituía-se pela conjunção entre memória e oralidade; sendo que os primeiros manuscritos compunham os cadernos pessoais de poetas, com versos próprios e de grandes mestres, que podiam ser vendidos ou trocados eventualmente.¹⁸ A Literatura Popular Nordestina constitui um *corpus*

13 ABREU, Márcia de. *Histórias de cordéis e folhetos*, p.12.

14 *Idem*, p.22-23.

15 *Ibidem*, p.46.

16 *Ibidem*, p.48.

17 HELENA, Raimundo Santa. *Raimundo Santa Helena*, p.30.

18 *Idem*, p.31.

específico, não pelo formato gráfico dos folhetos, mas por sua especificidade de gênero literário construído na e pela oralidade conjugada à memória. A principal característica que garante especificidade aos Folhetos Nordestinos é a rigidez de regras quanto à rima, à métrica e à estruturação do texto, sendo que essas regras são conhecidas pelos autores e também pelo público; e como afirma a pesquisadora Márcia Abreu, essa rigidez da forma parece ser uma criação brasileira, já que em Portugal não existe essa uniformidade nas produções.¹⁹

Patativa, por sua vez, nasce, cresce e se torna poeta em meio a essas influências referentes à rima, métrica e oração características desse corpus literário nordestino, traduzindo em seus versos características de repentista, cantador, autor de improvisos livres ou baseados em motes, além de produzir também poemas encomendados, com temática definida, e, posteriormente aos tradicionais folhetos, publicar inúmeros livros, gravar LPs, entrevistas no rádio e na televisão e fazer ecoar sua poesia através de diversos mídia.

3. Antonio: o despertar do poeta Patativa

Antônio, como era chamado o poeta, segundo filho do casal de agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, nasceu no dia 5 de março de 1909 e viveu sua meninice no sítio dos pais, distante três léguas da vila de Assaré, ao sul do Ceará; vivenciando desde menino as agruras do trabalho com a terra no nordeste seco.²⁰ Na época o estado do Ceará contava com oitenta e dois municípios, dos quais vinte e oito cidades e cinquenta e quatro vilas; Assaré era uma dessas vilas desde 1865, quando se desmembrou de Saboeiro.²¹ É interessante salientar que Assaré, *etimologicamente, significava atalho, antigo desvio do caminho das boiadas dos Inhamuns para o Piauí*²²; e também para o poeta Patativa seria um atalho para o mundo, um acesso rápido à universalidade da experiência humana da existência.

19 ABREU, Márcia de. *Histórias de cordéis e folhetos*, p.108.

20 Informações colhidas em diversas de suas biografias, entre as quais no livro de ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. *Patativa do Assaré: as razões da emoção* (capítulos de uma poética sertaneja), 2003, p.25.

21 CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré*, p.10.

22 *Idem*, p.11

Nas biografias do poeta, é marcadamente narrado o infeliz fato de sua cegueira, decorrente da combinação de duas doenças que o acometeram por volta de um ano de idade, segundo alguns pesquisadores, ou até por volta dos quatro anos segundo outros²³. A seqüela, apesar de marcada pela negatividade, acabou sendo posteriormente associada a características de outros grandes poetas, entre os quais Homero e o violeiro cego Aderaldo; ou associada a Camões pelo próprio Patativa. O mundo do menino Antônio era a Serra, Serra de Santana, na qual o lazer era contemplar a paisagem e brincar com os cinco irmãos, além do constante trabalho na roça; em sua memória da infância, porém, impregnou-se a visão performática de violeiros e versejadores repentistas, os quais presenciou ainda criança e almejou um dia aventurar-se a imitar.²⁴

Apesar da visão bucólica de sua própria infância, as análises constituídas sobre o poeta e sua obra revelam indícios da forte influência do mundo adulto na formação de sua personalidade, o trabalho precocemente presente e o pouco contato com crianças de sua idade corroboraram a construção dos sentidos e valores de sua vida e, conseqüentemente, de sua poética. Sem determinar por completo ou delimitar diretamente caminhos pré-concebidos unicamente pela tradição, Patativa revela sua individualidade ao reelaborar essa visão adulta do mundo e transcrevê-la em sua poética, sem, contudo, negar sua infância.²⁵ Seu período de frequência escolar foi mínimo, apenas alguns meses, segundo ele próprio, quando já tinha doze anos; aprendeu usando os livros de Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho; adiantou-se na leitura dos livros, que deveriam ser usados durante dois anos, mas foram facilmente devorados em meses, abrindo acesso à cultura escrita para o sagaz leitor. Patativa vive um período de mudanças dos oito aos dezesseis anos, durante o qual começa a fazer poesias antes de ser alfabetizado e a cantar viola antes de ter seu próprio instrumento, interessa-se pelos folhetos, mas não sabe ler ainda, arrisca versos enquanto brinca de caçadas com bodoque. Alguns pesquisadores consideram essa fase de hesitações coincidente com o momento em que Patativa ganha sua própria viola, de presente de sua mãe, e passa a entusiasmar-se com as cantorias e convites para apresentações.²⁶ Pesquisadores como Gilmar de Carvalho consideram que a vocação poética de Patativa teve

23 *Ibidem*, p.13.

24 *Ibidem*, p.14.

25 FEITOSA, Luiz Tadeu. *Patativa do Assaré: a trajetória de um canto*, 2003, p.100.

origem já na infância, no lazer de contemplação da natureza, bem como nas participações de leituras coletivas de folhetos de cordel, de ponteios de viola e de pelejas²⁷; a partir dessas experiências contemplativas da beleza, natural e cultural, descobriu a possibilidade da criação própria e do improviso de versos.

4. Versos: estética, ética e hermenêutica, a arte no sertão

Percebemos nos poemas de Patativa a constituição de um **eu-poético esteta** contemplativo que admira a natureza e percebe o mundo através dos sentidos, revelado em versos como os que se seguem:

ABC NEM BEABÁ

no meu livro não se incerra.
O meu livro é naturá
é o má, o céu e a terra,
cum a sua imensidade.
Livro cheio de verdade,
de beleza e de primô,
tudo incadernado, iscrito
pelo pudê infinito
do nosso Pai Criadô.²⁸

Inúmeros outros poemas de Patativa confirmam sua admiração contemplativa pela natureza, sua percepção do *livro da natureza*, considerando sempre a autoria divina desse registro de beleza e verdade.

Paralelamente a um **eu-poético hermeneuta** intérprete do mundo que o traduz numa linguagem poética popular, apresentando significados próprios para realidade vivida, como percebemos nos versos a seguir:

CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ

26 ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. *Patativa do Assaré: as razões da emoção* (capítulos de uma poética sertaneja), p.31.

27 CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré*. p.14-15.

28 ASSARÉ, Patativa do. *Ispinho e fulô*, 1988, p.67.

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

(...)

Você é munto ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.
Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de oro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão dereito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.

(...)

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu óio

Vejo um verso se bulí.
Se as vez andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra,
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
De fruta de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também(...) ²⁹

Em sua hermenêutica popular, o poeta reinventa os modos de ser do povo sertanejo nordestino, propõe novos modos de viver e ordena através de sua linguagem poética todas as coisas e o mundo; na fluidez de seus versos doa sentidos à realidade.

Além desses, Patativa revela um **eu-poético artista** que percebe, reinterpreta e cria, experimentando a emoção estética de produzir sentido e fazer de todo e qualquer objeto, um objeto artístico, como no trecho do poema que segue

O INFERNO, O PURGATÓRIO E O PARAÍSO

Pela estrada da vida nós seguimos,
Cada qual procurando melhorar,
Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,
Desejamos, na mente, interpretar,
Pois nós todos na terra possuímos

²⁹ ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá, que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*, p.25-29.

O sagrado direito de pensar,
Neste mundo de Deus, olho e diviso
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Este Inferno, que temos bem visível
E repleto de cenas de ternura, (*sic*)
Onde nota-se o drama triste horrível
De lamentos e gritos de loucura
E onde muitos estão no mesmo nível
De indignância, desgraça e desventura,
É onde vive sofrendo a classe pobre
Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.

(...)

Mas acima é que fica o Purgatório,
Que apresenta também sua comédia
E é ali onde vive a classe média.

Este ponto também tem padecer,
Porém seus habitantes é preciso
Simularem semblantes de prazer,
Transformando a desdita num sorriso.
E agora, meu leitor, nós vamos ver,
Mais além, o bonito Paraíso,
Que progride, floresce e frutifica,
Onde vive gozando a classe rica.

Este é o Éden dos donos do poder,
Onde reina a coroa da potência.
O Purgatório ali tem que render
Homenagem, Triunfo e Obediência.
Vai o Inferno também oferecer
Seu imposto tirado da indignância,

Pois, no mastro tremula, a todo instante,
A bandeira da classe dominante.

(...)

Já mostrei, meu leitor, com realeza,
Pobres, médios e ricos potentados,
Na linguagem sem arte e sem riqueza.
Não são versos com ouro burilados,
São singelos, são simples, sem beleza,
Mas, nos mesmos eu deixo retratados,
Com certeza, verdade e muito siso,
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.³⁰

Percebemos nesses trechos de versos, como em muitos outros poemas de Patativa, a valorização da vida, restauração de valores humanitários, da religiosidade e de uma consciência crítica diante da realidade inóspita de nossa sociedade desigual; para além da importância artística e criativa desse poeta do sertão, a universalidade de sua poética se deve certamente ao conteúdo ético presente em seu discurso.

5. Considerações finais

Segundo Alfredo Bosi, a linguagem poética é um dos aspectos da Literatura sobre o qual pesa, ainda mais, o caráter de complexidade e de múltiplas relações de interdependência com o contexto histórico. Segundo ele, a poesia não se integra nos discursos correntes da sociedade³¹, permanecendo sob formas estranhas e sobrevivendo mesmo nesse meio hostil; afirma ainda que a poesia pode representar resistência sob variadas formas, seja através de sua forma mítica, de um lirismo de confissão ou de sátira, paródia, utopia.³²

Bosi supõe vários caminhos de resistência poética, entre os quais o da poesia mítica³³ como aquela que responde ao presente ressacralizando a memória como base da infância

30 ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá*: Filosofia de um trovador nordestino, pp.43-47.

31 BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.165.

32 *Idem*, p.166.

33 *Ibidem*, p.174.

recalcada, na qual as figuras da infância e da tradição assumem sentido encantador, proporcionando o reencontro do adulto com o mundo mágico da criança. E, ao deparar-nos com versos de Patativa, como não reconhecê-lo um, também, poeta mítico que proporciona o encontro com o mundo mágico da criança nordestina?³⁴ Como poesia mítica, a obra de Patativa se enquadra, pois recupera figuras e sons³⁵, faz-se poesia da natureza e da saudade, revelando o poeta como uma consciência que se volta para aquilo que não é, ainda, consciência³⁶; ao falar da natureza, das plantas³⁷ e dos bichos como o Jumento³⁸, dos maquinários, das ferramentas³⁹, de algum pássaro ou outro animal⁴⁰, Patativa se mostra um representante dessa poesia mítica, marcada pela resistência ao tempo do domínio e do cálculo no qual vivemos.⁴¹

Através da definição de *poesia sátira*, *épos revolucionário* e *poesia utópica*⁴² propostas também por Alfredo Bosi, é possível analisar e perceber também afinidades com a poética de Patativa do Assaré. Nessa linhagem da poesia, segundo o autor, o modo de resistência preferido é o ataque, no qual o poeta-profeta busca atingir diretamente as circunstâncias de seu momento⁴³, vivendo uma constante tensão, recusando seu presente e, apresentando

34 *Ibidem*, p.176.

35 *Ibidem*, p.179.

36 *Ibidem*.

37 Poemas como “Eu e o Sertão”, “O paraíso do Crato”, “A festa da natureza” e “A terra é Naturá” contidos na obra de ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá, que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*, 1992.

38 Poemas como “Meu caro jumento” e “O Burro”, contidos na mesma obra citada anteriormente.

39 Poemas como “Minha impressão sobre o trem de ferro” e “Minha vingança”, contidos na obra de ASSARÉ, Patativa do. *Aqui tem coisa*, 2004. E também os poemas “Ingém de Ferro” e “O puxadô de roda”, contidos na obra de ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá, que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*, 1992.

40 Poemas como “O Vim-vim”, “O Pica-Pau”, “Vaca Lavadeira”, “O Sabiá e o Gavião”, contidos também na mesma obra.

41 BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da poesia*, 2000, p.181.

42 “A sátira e, mais ainda o épos revolucionário são modos de resistir dos que preferem à defesa o ataque. (...) O poeta-profeta que, em vez de voltar as costas e perder-se na evocação de idades de ouro, revela-se e fere no peito a sua circunstância”. BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da poesia*, 2000, p.187.

43 Poemas como “Menino de rua”, “Melo e meladeira”, “Meu avô tinha razão e a justiça tá errada”, “Reforma agraria é assim”, “O bode de Miguel Boato e o efeito da maconha” contidos na obra de ASSARÉ, Patativa do. *Aqui tem coisa*, 2004.

através da imagem e do desejo, uma invocação ao futuro aberto de possibilidades.⁴⁴ Patativa como poeta-profeta revela em seus versos o agora, de seu tempo, mas move-se na direção do *ainda não*, como antecipação do novo tempo, de um futuro utópico.⁴⁵ No entanto, somente o contexto da obra poética pode ajudar-nos a decifrar se essa crítica-sátira é conservadora ou realmente revolucionária, se essa palavra poética clama ao passado ou ao futuro; e qual a relação proposta entre recusa e utopia.⁴⁶

Segundo Bosi, o lugar de onde se move uma autêntica sátira-crítica constitui-se como um *topos* negativo, caracterizado pela recusa aos costumes, à linguagem e ao modo de pensar corrente.⁴⁷ E, nesse ponto exatamente, como não identificar de imediato a poesia de Patativa como um discurso que ecoa a partir de um *topos* negativo?; que critica novos costumes e valoriza a moral tradicional, que se coloca numa linguagem totalmente própria e singular como representante de um grupo ou classe definida e que recusa o modo de pensar e agir correntes em seu tempo e crê num novo tempo. Nos diversos poemas de Patativa é possível notar características desse *topos negativo*, seja ao comentar de modo crítico os costumes modernos, que contrariam a moral tradicional, seja através de sua linguagem matuta, marcada pela oralidade, ou ainda ao criticar diretamente o modo de pensar de seus contemporâneos, através da poesia.

A forma de contestação que transparece na poética de Patativa varia, desde manifestações de uma poesia mítica e de uma sátira crítica, até culminar em uma poesia utópica e profética; relevante para a reflexão a que se propõe esse estudo, no entanto, é considerar que todas essas variantes presentes na obra poética de Patativa traduzem certa resistência através do discurso. Sendo resistência um conceito originariamente ético e não estético, segundo Alfredo Bosi, adotar esse termo exige-nos certa cautela; a resistência na narrativa, segundo Bosi, comumente surge como tema ou como processo inerente à escrita.⁴⁸ Em Patativa, a resistência revela-se nos temas, bem como na tessitura da escritura de seus poemas, no uso da linguagem como demonstração e valorização de uma condição de

44 BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da poesia*, p.187.

45 *Idem*, p.188.

46 *Ibidem*, p.189.

47 *Ibidem*, p.191.

48 *Ibidem*, p.120.

classe. Intuição e desejo fundamentam a arte poética de Patativa sem, entretanto, inibirem a força cognitiva de sua compreensão de mundo e de sua vontade ética, extremamente consciente dos critérios da realidade sertaneja e dos ditames da coerência entre sua condição de sertanejo e de sua libido de poeta. Enfocar os elementos de resistência incutidos na poética de Patativa implica considerar um objeto estético sob aspectos éticos; fruto da libido artística que envolve intuição e desejo a poesia enquanto discurso traduz em si também uma visão de mundo baseada em certos valores e princípios éticos.

Bibliografia

- ABREU, Márcia de. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. *Patativa do Assaré: as razões da emoção (capítulos de uma poética sertaneja)*. Fortaleza: Editora UFC / São Paulo: Nankin Editorial, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do. *Aqui tem coisa*. São Paulo: Hedra, 2004.
- ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino*. 8ª ed., Petrópolis: Vozes/Crato: Fundação Pe. Ibiapina, 1992.
- ASSARÉ, Patativa do. *Ispinho e fulô*. Fortaleza, Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto/Imprensa Oficial do Ceará, 1988.
- ASSARÉ, Patativa do. *Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste*. Int. e seleção Sylvie Debs, São Paulo: Hedra, 2000.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3ª ed., Coleção Elos, São Paulo: Editora perspectiva, 2002.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré*. 3ª ed., Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. 2ª ed., São Paulo: EDUSP, 2003.
- DIÉGUES JR, Manuel e outros. *Literatura popular em verso: estudos*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. *Patativa do Assaré: a trajetória de um canto*. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.



- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail, 8ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HELENA, Raimundo Santa. *Raimundo Santa Helena*. Introdução e seleção: Bráulio Tavares, São Paulo: Hedra, 2003. (Biblioteca de Cordel)
- MENEZES, Adélia Bezerra de. *Desenho Mágico: Poesia e política em Chico Buarque*. 2ª edição, São Paulo: ATELIÊ EDITORIAL, 2000.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.